



ACERVO ARTÍSTICO DA UFMG: O PAPEL DA MUSEOLOGIA NA GESTÃO DO PATRIMÔNIO UNIVERSITÁRIO

Ana Martins Panisset*

Letícia Julião**

Resumo: O artigo apresenta e discute alternativas de salvaguarda e gestão do Acervo Artístico da UFMG (AAUFMG), considerando peculiaridades e desafios do contexto patrimonial universitário. As 1500 obras que compõem o Acervo encontram-se dispersas em várias unidades dos campi da UFMG, sob a tutela administrativa de distintos organismos universitários. São descritas as principais ações desenvolvidas por um projeto de documentação museológica e de gerenciamento do acervo, o qual dá início a um processo de valorização desse patrimônio no âmbito universitário. São analisadas as implicações de ordem teórica na delimitação das fronteiras do AAUFMG e apresentados os pressupostos, a metodologia e os recursos que orientam e subsidiam a documentação. Finalmente, se discute um modelo de gestão, em bases compatíveis com o caráter descentralizado do AAUFMG.

Palavras-chave: patrimônio universitário; gestão de acervos; documentação museológica; acervo artístico.

Abstract: The article presents and discusses alternatives for safeguarding and managing UFMG's Art Collection (AAUFMG), considering the peculiarities and challenges of the university heritage context. The 1500 works that compose the Collection are dispersed in several units of the UFMG campuses, under the administrative tutelage of different university bodies. The main actions developed by a museum documentation and collection management project are described, which begins a process of valuing this heritage in the university context. The theoretical implications in the delimitation of the boundaries of the AAUFMG are analyzed and the assumptions, methodology and resources that guide and subsidize the documentation are presented. Finally, a management model is discussed, based on the decentralized nature of the AAUFMG.

Key-words: university heritage; collections management; museum documentation; art collection.



3º sebra mus

Um breve histórico

Ao longo de 90 anos de existência, a UFMG reuniu, ao lado de suas coleções científicas, importante acervo artístico, o qual somente há pouco tempo tem merecido a atenção dos gestores universitários. Considerando o extenso intervalo de tempo de sua formação, não é difícil de imaginar que sua constituição obedeceu a distintos pressupostos e requisitos. Dos retratos de diretor de unidades e reitores, comuns a qualquer instituição universitária, a coleções doadas por intelectuais de prestígio, incluindo um conjunto de obras de artistas professores universitários, o acervo de arte da UFMG, com aproximadamente 1.500 obras, resultou de um colecionamento assistemático, caracterizado, muitas vezes, como desdobramento quase natural do lugar de notoriedade ocupado pela universidade no Estado de Minas Gerais. É possível dizer que, com raras exceções, o acervo se constituiu sem um propósito claro, tanto do ponto de vista de seu recorte artístico, quanto de sua destinação.

As exceções a esse cenário de colecionamento assistemático são as doações de duas coleções à UFMG - *Brasiliiana e Amigas da Cultura* – que ocorreram nos anos de 1960 e 1970. Além de conjuntos reunidos a partir de propósitos mais delineados por seus respectivos doadores, as duas iniciativas trouxeram consigo a conjectura de criação de um museu ou similar. A *Coleção Brasiliiana* foi doada pelos Diários Associados, por intermédio de Assis Chateaubriand, em 1966. No ano seguinte, 1967, o reitor Prof. Aluísio Pimenta, relata, em carta a Chateaubriand, que a coleção encontrava-se bem cuidada, reunida em uma sala do 2º andar do prédio da Reitoria e, o mais interessante, aberta à visitação pública (ARAÚJO, 2012). Três anos depois, em 1970, a coleção *Amigas da Cultura*, constituída por obras de artistas que atuaram em 1960/1970, era doada à Universidade pela Associação. A doação, articulada por Celma Alvim, à época curadora da Galeria da Reitoria da UFMG e coordenadora das atividades de extensão, vinha ao encontro do papel de liderança exercido pela Universidade que, naquele momento, despontava como o principal espaço de manifestação das vanguardas, tendo à frente a Escola de Belas Artes. (RIBEIRO, 2011).



3º sebra mus

A despeito dessas de ações mais sistemáticas de gestão de coleções artísticas da UFMG, entre os anos de 1960 e 1970, esse acervo seguiu uma espécie de trajetória errática dentro da Universidade. O museu para o qual a doação das Amigas da Cultura visava instalar nunca foi criado; o espaço da reitoria dedicado à exibição da coleção Brasileira também não se manteve. A constatação de Araújo (2012), referindo-se à situação da Coleção Brasileira, de lacunas de documentação que comprometem compreender a história dessas obras na Universidade, além de dissociação de conjuntos, pode ser estendida às demais coleções, senão a todo o acervo artístico da UFMG.

Vale destacar dois projetos mais recentes que buscaram, em particular, fazer a gestão e/ou estudar o acervo artístico ou parte dele. Nos anos de 1990, o prof. Marco Elízio de Paiva, então diretor da Escola de Belas Artes, realizou um inventário e estudo da Coleção Brasileira (PAIVA, 1997). Em 2000, uma restauração no prédio do Conservatório da UFMG, destinou um espaço para parte do acervo artístico - basicamente, as coleções Brasileira, Amigas da Cultura e Rodrigo Melo Franco de Andrade – onde foi montada uma reserva técnica e pretendia-se criar um Museu, projeto que não chegou a ser realizado, embora o Conservatório tenha mantido uma sala de exposição do acervo artístico. Pouco tempo depois, ainda nos anos 2000, a reserva técnica foi desmontada e o acervo foi transferido do Conservatório para o 4º andar da Biblioteca Universitária, edificação central que sedia coleções raras e artísticas.

Em 2009, o Projeto “Memória, Acervo e Arte”, idealizado pelos professores João Antonio de Paula e Heloisa Starling, realiza um extenso levantamento do Acervo Artístico da UFMG, sob a coordenação dos professores Marília Andrés Ribeiro e Fabrício Fernandino, com participação da conservadora Moema Nascimento Queiroz (EBA). O trabalho resultou na publicação de um livro e na realização de exposições no campus.

Atualmente, a Diretoria de Ação Cultural assumiu a gestão do Acervo Artístico UFMG (AAUFMG), instituindo uma coordenação e comissão executiva que têm, desde 2015,



desenvolvido ações de salvaguarda e comunicação do acervo e se empenhado em implantar uma política para esse importante patrimônio de arte universitário.

Que obras considerar como integrante do AAUFMG? Delineamentos preliminares

O inventário realizado entre 2009 e 2011 teve o mérito de selar a ideia de um acervo artístico da Universidade. Além das coleções doadas à UFMG, a exemplo das já mencionadas, o projeto mapeou obras de arte que integram outras coleções e tipologias de acervo, a exemplo do Curt Lange, Escritores Mineiros, coleção de cerâmica do Vale do Jequitinhonha do Museu de História Natural e Jardim Botânico, esculturas ao ar livre, painéis dos prédios, retratos de personalidades, obras que estão expostas em gabinetes e salas das escolas, institutos e faculdades. Compõe o acervo arrolado pinturas, gravuras, esculturas, obras integradas, fotografias, obras bibliográficas raras, abrangendo do século XVI ao século XXI.

Desse extenso conjunto, muitas obras avulsas foram incorporadas ao patrimônio da UFMG, por diversos meios como doações, premiações em salões e projetos. Além das coleções atualmente reunidas na Biblioteca Universitária, as demais obras estão distribuídas por 33 unidades da UFMG do Campus Pampulha, Campus Saúde, em unidades localizadas na região central de Belo Horizonte - Escola de Arquitetura e Faculdade de Direito -, como também no Campus Cultural localizado na cidade de Tiradentes e no Instituto Casa da Glória, órgão complementar do IGC, localizado em Diamantina.

Como um desdobramento desse mapeamento inicial do acervo, a Coordenação do AAUFMG estabeleceu como uma de suas ações prioritárias a realização do inventário e posterior catalogação de todas as obras, simultâneo à implantação de um sistema de informação capaz de instrumentalizar e potencializar a gestão e o monitoramento desse extenso patrimônio que se encontra disperso nas diversas unidades da UFMG. O projeto de documentação se impôs, portanto, como primeiro passo para se conhecer o acervo. Seus resultados, ainda que parciais, vão respaldar, com suas informações seguras, as demais ações



3º sebra mus

de salvaguarda e comunicação, fornecendo subsídios, inclusive, para a formulação de uma política de gestão do AAUFMG.

Alguns desafios de ordem conceitual se apresentaram nesse momento de implantação do projeto de documentação. O primeiro deles era o que reconhecer afinal como Acervo Artístico da UFMG? Subjacente a essa pergunta estava outra, que tem ocupado o debate contemporâneo no campo da arte - como discernir uma obra de arte? Ora, ambas questões, ainda que enfrentadas numa perspectiva pragmática para atender à demanda de gestão do acervo, não resultaram e nem resultarão em respostas seguras e definitivas, como sabemos. A impossibilidade de responder o que deve ser considerado arte no âmbito do AAUFMG requer, sem dúvida, uma reflexão permanente. Compreendeu-se, assim, que qualquer definição das fronteiras do acervo artístico da UFMG deverá não apenas ser provisória, como objeto de debate regular, sujeitando-se a reatualizações orientadas pelas reflexões desenvolvidas pelos campos da estética e da arte.

O caráter contingente das fronteiras do AAUFMG não nos desobriga, entretanto, do esforço para desenvolver algumas considerações de ordem teórica. É por meio dessa operação – de conceituação do recorte patrimonial do AAUFMG - que se fundamenta a vocação desse acervo, conferindo pertinência e coerência às diretrizes e ações levadas a efeito em sua gestão.

Não se pretende estabelecer uma definição de arte. Até porque é um conceito ramificado, controverso e que tem merecido abordagens de distintos campos de conhecimento, não havendo convergência quanto ao seus contornos. Apenas convém lembrar que a ideia que se tem de arte hoje é, do ponto de vista da história, recente. Para gregos e romanos a arte - *thecné* em grego e *ars* em latim – referia-se a ofício, a qualquer atividade humana que implicasse uma habilidade, um saber fazer. A palavra apresentava um sentido amplo, não se restringindo, portanto, ao que se compreende hoje como atividade associada à estética. Na Idade Média persiste o paralelo entre os termos arte e técnica, sendo a arte compreendida como um conjunto de regras ou a teoria de uma técnica. A associação da arte à



3º sebra mus

estética começa a se delinear no Renascimento, mas somente no século XVIII se observa a distinção entre a arte e a técnica, quando também o sentido estético confere um valor inédito à obra artística. A obra de arte sai de um domínio indistinto para ganhar, portanto, autonomia. É nesse processo que atividades e obras são reavaliadas e enquadradas nas chamadas “belas artes” – ou seja, concernentes àquilo que “não produz nem um saber e nem um fazer, mas que, supõe-se, condiciona ambos, tornando possível a experiência efetiva” (CUNIBERTO, 2007, p.44).

Embora não estejam no horizonte deste projeto enfrentar o debate a respeito das fronteiras da arte, e nem justificaria estar, é preciso reconhecer que essa é uma questão incisiva para a realização do inventário do AAUFMG. Ainda que o levantamento realizado entre 2009-2011 tenha configurado um conjunto de objetos sob a chancela Acervo Artístico da UFMG, o atual projeto de documentação pretende refazer esse mapeamento, sob a orientação de conceitos e critérios explícitos e objetivos.

Ora, o que está posto como desafio é justamente arbitrar, com autoridade, o domínio do acervo artístico para efeito da gestão institucional desse patrimônio, o que implica produzir um discurso que irá operar inclusões/exclusões. Pode-se mesmo dizer, acompanhando Cauquelin ao abordar a teoria da arte, que o AAUFMG se institui como um dos ‘sítios’ que concorrem para institucionalizar e legitimar esse acervo artístico, uma vez que contribui para reatualizar os meios de desenvolvimento e permanência das obras:

A obra ‘em si’ não existe realmente; ela se diz ‘obra’ por meio e com a condição de ser posta em determinada forma, de ser posta ‘em sítio’. Fora do sítio, que a teoria construiu e que as teorizações mantêm vivo, ela não é nada. São necessárias essas mediações, todo esse trabalho tecido incansavelmente pelo comentário, para que seja reconhecida como obra. Pois nenhuma atividade – e a arte não escapa a essa condição - pode ser exercida fora de um sítio que lhe dê seus limites, determine os critérios de validade e regule os julgamentos que serão tecidos a seu respeito. (CAUQUELIN, 2005, p.21)



3º sebra mus

Grande parte das obras pertencentes à UFMG, assim como muitos de seus autores gozam de reconhecimento da crítica, não havendo, portanto, hesitação quanto ao seu estatuto de arte. Mas mesmo nesses casos, em que o reconhecimento artístico está selado, as operações levadas a cabo pela Coordenação do AAUFMG – inventário/catalogação, conservação, manejo administrativo, curadoria de exposição, etc. – ainda que não sejam da esfera estrita da crítica e da teorização, convergem para (re) validar o estatuto artístico das obras, seja diante da própria comunidade universitária ou fora dela.

Feitas essas considerações, delinea-se o Acervo Artístico UFMG no campo das Artes Visuais. Ou seja, em um horizonte que contempla uma extensa gama de práticas artísticas, englobando as formas tradicionais, então denominadas de Artes Plásticas – pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, cerâmica – assim como a produção artística contemporânea que tem incorporado ao seu repertório o uso de novas tecnologias e novos meios de comunicação: fotografia, artes gráficas, moda, cinema, vídeo, computação, performance, holografia, desenho industrial, etc. (ASSUNÇÃO; COSTA, 2009)

Ao adotar as Artes Visuais para delinear o seu recorte patrimonial, o AAUFMG se alinha à perspectiva contemporânea, que busca abranger, sob o abrigo dessa terminologia, expressões artísticas que passaram a se projetar, particularmente no pós 2ª Guerra, em contextos que extrapolam os limites dados pelo o que convencionalmente se denomina de Artes Plásticas. Segundo o Relatório da Câmara Setorial de Artes Visuais, este é um campo, como o nome indica, que abrange categorias artísticas que têm como centro a visualidade, que produzem, não importa com quais instrumentos ou técnicas, imagens, objetos e ações apreensíveis pelo sentido da visão, podendo ampliar-se para outros sentidos:

Partindo desse centro, o círculo se expande, agregando suas diversas manifestações, até que a circunferência das Artes Visuais alcance (e interpenetre) outros círculos das artes, centrados por outros valores, gerando zonas de intersecção que abrigam manifestações mistas, que não deixam de



ser “visuais”, mas obedecem, com igual ou maior ênfase, a outras lógicas. Este círculo e suas intersecções compõem o campo das Artes Visuais. (BRASIL, 2010, p.20).

O documento produzido no âmbito do MINC considera ainda que o campo das Artes Visuais é de tal amplitude que se faz presente em todas as dimensões da existência. Dos objetos às estruturas arquitetônicas, da arte rupestre à arte que se associa à tecnologia, das atividades artísticas simbólicas às orientadas para a economia, as Artes Visuais nos conectam com o ambiente que nos circunda (BRASIL, 2010).

Documentar o AAFMG – um início sem fim

Ao se estruturar o projeto de documentação do acervo - *Protocolos para documentação e gestão do Acervo Artístico da UFMG: implantação de um sistema de informação*, no segundo semestre de 2016, enfatizou-se a perspectiva de que a documentação constitui expediente que se integra à gestão do acervo. Ou seja, concebeu-se a documentação como uma ferramenta em permanente construção, em um processo contínuo e vigoroso de produção de informação e conhecimento, indispensáveis para a conservação, pesquisa, segurança, controle e extroversão do patrimônio artístico. Se essa é uma ótica que deve prevalecer em qualquer procedimento de inventário e/ou catalogação de acervos, no caso do AAUFMG parece imperativo dispor desse instrumental eficiente e sempre atualizado, considerando o desafio que é gerir um acervo tão extenso, heterogêneo e fisicamente disperso.

Concebido em várias etapas, o projeto teve início com o diagnóstico da documentação existente do acervo, ao qual se seguiu a elaboração de protocolos de estrutura de dados e valor e a formulação do inventário de campo, procedimentos que se ampararam em normativas internacionais, nomeadamente Comitê Internacional de Documentação¹ (CIDOC, 2014); *Categories for the Description of Works of Art (CDWA): list of categories and definitions* (BACA; HARPRING, 2010); *Cataloguing Cultural Objects (CCO): a guide to describing cultural works and their images*

¹ Versão original em inglês: *International Guidelines Object Information: the CIDOC Information Categories* (CIDOC, 1995).



(BACA et al., 2006); *Spectrum 4.0*: padrão para gestão de coleções de museus do Reino Unido² (COLLECTIONS TRUST, 2014); e a *Collections Management Software Criteria Checklist* (CHIN, 2012).

O diagnóstico quantificou e qualificou as informações contidas no levantamento anterior, permitindo identificar as tipológicas de objetos artísticos arrolados, as lacunas e incongruências informacionais e as condições de acesso às obras nas unidades da UFMG. Com essas informações sistematizadas e a partir de estudos do acervo, foi possível desenvolver a normalização do trabalho de inventariação propriamente, assim como planejá-lo em campo. Em linhas gerais, foi determinada a estrutura geral da base de dados – os campos constituintes de cada registro e os *standards* que controlam o preenchimento dos campos - conteúdo e terminologia.

No processo de planejamento e execução do inventário, vale ressaltar algumas decisões e procedimentos adotados, que têm conferido maior eficiência ao trabalho. A primeira decisão, de cunho metodológico-operacional, foi restringir, nesta primeira fase do projeto, o inventário às obras de arte visual convencionalmente identificadas como de artes plásticas – pintura, escultura, desenho, gravura, cerâmica, objeto. As demais tipologias de obras, também categorizadas como artes visuais – fotografia, artes decorativas/aplicadas, vídeo-arte, performance, instalação, arte e tecnologia, grafite, etc. – serão apenas mapeadas, por meio de uma ficha simplificada de arrolamento. A decisão apoiou-se na avaliação de que a extensão do acervo de artes visuais da Universidade, as possíveis imprecisões na categorização de objetos e a necessidade de se avaliar, em casos específicos, a pertinência de apenas de documentar a obra, sem necessariamente incorporá-la à gestão do AAUFMG, conduziram a questões de ordem teórico-metodológica que, certamente, serão mais bem encaminhadas em momento posterior do projeto, uma vez que poderão se beneficiar, inclusive, do acúmulo da experiência e do conhecimento gerados pelo próprio processo de

² Versão original em inglês: *SPECTRUM – Standard Procedures for Collections Recording Used in Museums: The UK Museum Collections Management Standard, 4.0* (COLLECTIONS TRUST, 2011).



3º sebra mus

documentação. Considerou-se também o impacto negativo de inclusão desses novos conjuntos de obras, que não dispõem de qualquer registro anterior, para o processo de implantação de uma rotina do trabalho do inventário. Optou-se, dessa maneira, em consolidar e legitimar o projeto de documentação no âmbito da UFMG, assegurando agilidade a apuração de seus resultados parciais, de modo que se possa credenciar sua continuidade. De outra parte, o mapeamento de um universo abrangente de obras fornecerá informações indispensáveis para que a equipe se prepare para a segunda etapa da documentação, tanto do ponto de vista conceitual quanto operacional.

Outra decisão importante foi restringir, nessa primeira fase do projeto, o preenchimento de campos *in loco* aos dados intrínsecos a cada objeto, o que tem garantido celeridade ao inventário e, ao mesmo tempo, qualidade da informação recolhida. A complementação e revisão de informações ocorrerão em etapa posterior ao término do trabalho de campo e de migração das informações para a base de dados, quando serão desenvolvidas pesquisas sobre as obras em arquivos administrativos da UFMG, no levantamento realizado anteriormente e em fontes secundárias.

Em observância às recomendações do campo da documentação duas iniciativas importantes, que antecederam o trabalho de campo, também têm assegurado rigor ao inventário. Foi criado um vocabulário controlado específico para o AAUFMG, tendo como base ferramentas como thesauri, listas de termos de diversas instituições e o próprio levantamento anterior do acervo. As listas geradas a partir desse estudo foram transpostas para as Tabelas Auxiliares específicas da base de dados utilizada.

Tendo também como pressuposto que todo acervo inventariado deve produzir um documento que oriente o trabalho da documentação, tão logo foram estruturados os dados e formulada a ficha de inventário, elaborou-se um Manual de Procedimentos de Documentação, no qual são definidas e descritas as práticas e os procedimentos a serem adotados, de forma a assegurar informações consistentes e sistemáticas. Composto por uma série de instruções



claras e objetivas, o Manual padroniza a captura, o registro, a salvaguarda e uso de informações sobre o acervo.

Importante destacar que o projeto se desenvolve concomitante ao programa de formação da equipe de bolsistas e funcionários, experiência que se alinha à diretriz de conferir ao AAUFMG estrutura e dinâmica para funcionar como um laboratório de ensino e pesquisa. Além de estudos supervisionados no campo da salvaguarda museológica e história da arte, a equipe tem recebido treinamento sistemático, com o objetivo de capacitá-la para atuar em todas as etapas do projeto: pesquisa, inventariação em campo, análise artística, fotografia, sistema de informação, gerenciamento de imagens, etc. Em uma parceria com professores da Escola de Ciência da Informação e Escola de Belas Artes, foram oferecidos treinamentos em documentação de acervos museológicos, procedimentos de higienização de acervos, registro fotográfico de obra de arte e marcação de objetos para fins de inventário.

Com o objetivo de ampliar o alcance do treinamento e dos debates em torno dos desafios de se documentar e gerenciar acervos universitários, foram realizados dois eventos abertos a bolsistas e profissionais de todas as unidades que compõem a Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da UFMG (RMECC), em janeiro e fevereiro de 2017. O primeiro evento, a Mesa Redonda “Desafios na Implantação de Sistemas Informatizados para Gestão de Acervos Culturais Universitários”³, teve o intuito de debater e avaliar alternativas de softwares para a gestão do sistema de informação de acervos universitários, em particular do AAUFMG. A segunda iniciativa foi a oferta do curso “Documentação de Acervos Museológicos”⁴, com carga horária de 40 horas/aula, que introduziu conceitos e práticas de documentação, assim como analisou projetos, diretrizes e programas desenvolvidos em instituições gestoras de acervos museológicos.

³ Participaram da Mesa Redonda Fernando Cabral, Diretor Geral da empresa Sistemas do Futuro, e Gabriel Moore Forell Bevilacqua, vice-presidente do Comitê Internacional de Documentação do Conselho Internacional de Museus (CIDOC/ICOM).

⁴ Ministraram aulas no curso os professores Ana Panisset (ECI/UFMG), Juliana Monteiro (ETEC Parque da Juventude /SP), Alexandre Leão (EBA/UFMG) e Giulia Giovani (EBA/UFMG).



3º sebra mus

Iniciado em agosto de 2017, o inventário usa uma planilha no formato Excel, *in loco*, desenvolvida pela empresa detentora do software de base de dados. Ao fim do trabalho em campo, a planilha será migrada para a base de dados estando disponível para acesso e complementação das informações. A opção se deve ao fato de que algumas unidades da UFMG não dispõem de condições ideais de acesso à internet, o que poderia prejudicar o andamento do inventário, uma vez que o acesso à base de dados é *online*.

Antes de se iniciar o inventário em campo, uma articulação da Coordenação do AAUFMG com demais unidades universitárias detentoras de obras de arte buscou facilitar o trânsito e as condições de trabalho da equipe nestes espaços. Embora possa parecer uma medida rotineira, esses contatos foram uma espécie de primeiro passo para se construir uma gestão compartilhada do AAUFMG.

O desafio da gestão descentralizada: uma proposta

Um dos maiores desafios para a coordenação do AAUFMG consiste em conceber um modelo de gestão que seja compatível com a descentralização tanto físico-geográfica do acervo quanto de sua tutela acadêmico-administrativa. As várias unidades da UFMG, aproximadamente 33, que dispõem de acervo têm a responsabilidade patrimonial de suas respectivas obras. Algumas dessas produções artísticas foram concebidas, inclusive, no contexto particular desses espaços. São exemplos as obras integradas (oratório da Casa da Glória, em Diamantina e vários painéis), os conjuntos de retratos de Reitores e Diretores, as esculturas e pinturas alusivas a determinados campos de conhecimento encomendadas por unidades acadêmicas.

Ilustra também a segmentação do acervo um número significativo de obras artísticas que integram outras coleções universitárias, as quais foram constituídas a partir de pressupostos que não são necessariamente artísticos, agregando variadas categorias de objetos. Cita-se, por exemplo, as obras de arte que integram arquivos pessoais recolhidos pela



3º sebra mus

UFMG (escritores mineiros, Curt Lange, arquivos de professores e intelectuais) e coleções e objetos reunidos para atender demandas de pesquisas específicas e que figuravam originalmente como utilitários e/ou artesanato e que foram convertidos em objetos de arte (Coleção de cerâmica do Vale do Jequitinhonha, Presépio do Pípiripau).

Neste cenário complexo, de localização e tutela pulverizada do acervo, algumas estratégias se projetam como alternativas de gestão do AAUFMG. Tomando por analogia a proposta formulada por Meneses para os museus de cidade (1985; 2003), foram estabelecidas duas categorias de acervo, correspondentes a níveis diferenciados de monitoramento e administração. Em um plano, tem-se o acervo de tutela direta, constituído, como o próprio nome diz, por obras e coleções que se encontram sob a guarda imediata da DAC/Coordenação do AAUFMG. A princípio são as obras armazenadas na Reserva Técnica ou aquelas que se encontram em outras unidades da UFMG, sob o regime de empréstimo. A segunda categoria denomina-se acervo operacional e compreende as demais obras de arte que estão sob a guarda de outras unidades da UFMG, mas sobre as quais o AAUFMG opera, seja estendendo até esses acervos as ações e diretrizes de salvaguarda e comunicação ou desenvolvendo projetos e programas comuns.

O estabelecimento dessas categorias de acervo implica necessariamente conceber uma gestão compartilhada do AAUFMG, assegurando convergência e integração de protocolos, normas e conceitos entre as unidades acadêmicas e administrativas. Pressupõe-se uma atuação em rede, que articule distintos atores e espaços em uma ação contínua e cooperada de programas e recursos, com vistas a “produzir a circulação capilar de conhecimentos, valores, significados, critérios, padrões de sensibilidade, atitudes, hábitos, práticas [...]” (MENEZES, 2003, p. 258).

Em particular, essa premissa confere um alcance extramuros às ações do AAUFMG, estendendo a gestão museológica a todas as obras de arte da UFMG, sem que para isso seja necessário promover o recolhimento desse acervo em um espaço central. À primeira vista a



3º sebra mus

alternativa oferece mais riscos para a proteção do acervo, uma vez que as obras estão sujeitas a condições de segurança, conservação e exibição que variam de unidade para unidade. A tendência seria optar pela centralização do acervo como medida mais adequada e consonante com os padrões de salvaguarda.

Mas seria oportuno privar as unidades dos campi de fruir as obras de arte? O impacto dessa medida seria subtrair a experiência artística do cotidiano da vida acadêmica. A alternativa de se proceder um recolhido a partir de uma seleção, de outra parte, seria no mínimo complexa e discutível. E o mais certo é que se instauraria um círculo vicioso, no qual as unidades providenciariam se guarnecer de novas obras de arte as quais, por sua vez, seriam recolhidas à Reserva Técnica como medida de salvaguarda. Nessa perspectiva, parece interessante observar as diretrizes propostas pela *Association of Art Museum Directors University/College Museums*, em se tratando de obras de arte no campus:

The installation of works of art in public places throughout the campus, according the goals of its university museum, may be an integral part of this mission; works of art of high quality not only enhance the beauty of a campus for students, faculty, staff, and visitors, but they also convey the emotional power and spiritual values of art itself to every student, no matter his or her course of study or discipline and, thereby, for that student, enhance the notion of art with its multiple definitions and characteristics. Public works of art on campus, therefore, become a part of each student's education and his or her ability to formulate and articulate. (EILAND, 2009, p. 5-6)⁵.

Obviamente que a gestão compartilhada do AAUFMG exige estruturar uma dinâmica de relações entre as unidades integrantes, assim como assegurar um fluxo eficiente de informação. A ideia é que cada unidade designe um responsável pela gestão local de suas obras de arte, o qual se integraria ao sistema de gestão descentralizado. Importante para que o

⁵ A instalação de obras de arte em locais públicos em todo o campus, de acordo com os objetivos de seu museu universitário, pode ser parte integrante desta missão; As obras de arte de alta qualidade não só aumentam a beleza de um campus para seus estudantes, corpo docente, funcionários e visitantes, mas também transmitem o poder emocional e os valores espirituais da arte para todos os alunos, independentemente do seu curso ou disciplina e, portanto, para esse aluno, aprimoram a noção de arte com suas múltiplas definições e características. As obras públicas de arte no campus, portanto, se tornam parte da educação de cada aluno e da sua capacidade de formular e articular. (EILAND, 2009, pág. 5-6).



3º sebra mus

modelo seja bem sucedido que a coordenação do AAUFMG ofereça de tempos em tempos workshops destinados a preparar e aperfeiçoar os integrantes do sistema para atuarem no monitoramento e acompanhamento de movimentação das obras.

Quanto ao fluxo de informação, a opção por um modelo de curadoria digital – ou gestão digital – combinada à curadoria convencional apresentou-se como uma alternativa mais pertinente ao contexto de dispersão das obras e de atores envolvidos na sua gestão. Foi realizada a compra de um software – Sistema de Gestão de acervos, precedida de discussões abertas à comunidade acadêmica⁶, além de consultas a usuários que haviam também desenvolvido extensa pesquisa de fornecedores⁷ e da utilização da ferramenta de modelo de requisitos *Collections Management Software Criteria Checklist* (CMSCC)⁸, desenvolvida pela *Canadian Heritage Information Network*⁹ (CHIN). Orientou a aquisição a proposição de que o sistema não poderia limitar-se apenas a uma base de dados, mas oferecer ferramentas ágeis e eficazes, que possibilitassem o registro e administração de todas as funções de gestão em uma única base de dados. Além da gestão propriamente, avaliou-se, também, a importância de uma plataforma digital que atendesse, em um segundo momento, aos propósitos de comunicação. Ou seja, que servisse como uma espécie de catálogo e exposição digitais, dando acesso ao público interno e externo à Universidade ao AAUFMG¹⁰, função que ganha especial relevo em se tratando de obras que não estão expostas permanentemente em museus ou galerias abertas à visitação pública.

⁶ Mesa Redonda Desafios na Implantação de Sistemas Informatizados para Gestão de Acervos Culturais Universitários.

⁷ Seguiu-se a metodologia de pesquisa e aquisição empregada pela Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo para a escolha do software, cujas demandas e procedimentos eram convergentes aos da UFMG.

⁸ Lista de verificação de critérios de software para gerenciamento de coleções. Disponível em: <<http://canada.pch.gc.ca/eng/1443120174242>>. Acesso em 15 jul. 2017.

⁹ Rede de Informação do Patrimônio Canadense. Disponível em: <<http://canada.pch.gc.ca/eng/1454520330387>>. Acesso em 15 jul. 2017.

¹⁰ O software adquirido é o In Arte Online da empresa Sistemas do Futuro. Disponível em: <<http://inarteonline.net/>> . Acesso em 15 jul. 2017.



Conclusão

Designar as obras espalhadas pelas salas de diretores, pró-reitores e reitores, gabinetes de professores, congregações, bibliotecas com Acervo Artístico UFMG significa reconhecê-las como um patrimônio universitário. Neste gesto está implícito um esforço permanente de categorização, de formulação de critérios, intrínsecos e extrínsecos, diacrônicos e sincrônicos, que conformam sentidos que se sobrepõem, não importa se convergentes ou não, ao conjunto aparentemente díspar. Reconhecer esse patrimônio é, acima de tudo, retirá-lo da sombra e trazê-lo cada vez mais para o lugar do visível. Todos os protocolos e medidas de salvaguarda só se justificam se ao sentido da palavra preservar - guardar, vigiar, salvar de antemão - se associar a ação de comunicar – repartir, dividir, distribuir e compartilhar algo com o público.

O trabalho de inventário e gestão do acervo, embora reconhecidamente situado no campo da salvaguarda, no caso do AAUFMG pode ser concebido como o primeiro passo de um processo de compartilhamento, uma vez que mobiliza muitos, além da pequena equipe de inventariantes, na tarefa de identificar, conhecer e registrar as obras de arte da Universidade para em seguida dividir responsabilidades. Ainda que não se pretenda criar um museu, pelo menos no sentido clássico, esse projeto só será, de fato, bem sucedido se o AAUFMG atuar à maneira de um museu em potência. Ou seja, se tiver como horizonte o estabelecimento de conexões entre o público e a arte; se promover o deslocamento de obras e olhares de seus ambientes corriqueiros, alguns invisíveis, para se conquistar outros lugares físicos e simbólicos, nos quais os objetos de arte poderão ensinar novas conexões cognitivas, sensoriais, sensitivas com a comunidade da UFMG, da cidade, do país. É preciso gerir esse acervo reconhecendo sua vocação para funcionar como laboratório de aprendizagem e experimentações, que oportuniza diálogos interdisciplinares e ações associadas de pesquisa, ensino e extensão.

Há uma longa trajetória a ser percorrida até que se consolide esse papel do AAUFMG, e se construa uma consciência de sua importância para a vida universitária. Até lá, não basta



3º sebra mus

executar ações, é preciso garantir a retaguarda de uma política cultural, em particular, uma política patrimonial no âmbito da UFMG.

Referências

ARAÚJO, Diná Marques Pereira. Livros raros e documentos históricos da Coleção Brasileira da Universidade Federal de Minas Gerais: percurso histórico e análise bibliológica. *Anais do XVII Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias*. Gramado/RS, 17 a 21 de setembro de 2012.

ASSUNÇÃO, Ana Cláudia Lopes de.; COSTA, Fábio José Rodrigues da. *Desenho e Pintura I*. Fortaleza: RDS, 2009.

BACA, Murtha *et al.* *Cataloguing Cultural Objects (CCO): a guide to describing cultural works and their images*. Chicago: American Library Association, 2006/ Disponível em: <http://cco.vrafoundation.org/index.php/toolkit/cco_pdf_version/>. Acesso em: 14 jun. 2014.

BACA, Murtha; HARPRING, Patricia (ed.). *Categories for the Description of Works of Art (CDWA)*. Los Angeles : Getty Research Institute; College Art Association. Revised 9 June 2009. Disponível em: <http://www.getty.edu/research/publications/electronic_publications/cdwa/index.html>. Acesso em: 11 mar. 2011

BRASIL. Câmara e Colegiado Setorial de Artes Visuais. *Relatório de Atividades 2005-2010*. Ministério da Cultura: Funarte, 2010.

CANADIAN HERITAGE INFORMATION NETWORK (CHIN). Collections Management Software Criteria Checklist – 2012. Date modified: 2016-01-13 Disponível em: <<http://canada.pch.gc.ca/eng/1443120174242>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COLLECTIONS TRUST. *Spectrum 4.0: padrão para gestão de coleções de museus do Reino Unido*. São Paulo: Secretaria de Estado de Cultura; Associação de Amigos do Museu do Café; Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2014. (Gestão e documentação de acervos: textos de referência, 2).



COMITÊ INTERNACIONAL DE DOCUMENTAÇÃO - CIDOC. Conselho Internacional de Museus - ICOM. *Declaração de Princípios de Documentação em Museus e Diretrizes Internacionais de Informação sobre Objetos de Museus: Categorias de Informação do Comitê Internacional de Documentação*. Tradução de Marilúcia Bottallo. São Paulo: Secretaria de Estado de Cultura; Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2014. (Gestão e documentação de acervos: textos de referência, 1).

CUNIMBERTO, Flavio. In: CHILVERS, Ian. *Dicionário Oxford de Arte*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

EILAND, William, U. *Art on Campus Guidelines*. Association of Art Museum Directors University/College Museums, 2009. New York: AAMD, 2009. Disponível em: <<https://www.aamd.org/sites/default/files/document/AAMD%20University%20Art%20on%20Campus%20Guidelines%2007.09.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2016. ATENEA-TTC. Homepage. Disponível em: <<http://www.proyectoatenea.es>>. Acesso em: 16 jul. 2016.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. O museu de cidade e a consciência da cidade. In: SANTOS, Afonso Carlos Marques dos Santos; KESSEL, Carlos Guimarães (org.). *Museus & Cidades*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2004. P.255-282

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. O museu na cidade X a cidade no museu. Para uma abordagem histórica dos museus de cidade. *Revista Brasileira de História*. São Paulo. V.5, n.8/9.pp. 197-205. Set. 1984/abr. 1985.

PAIVA, Marco Elizio de. *Exposição de inauguração: Galeria Brasileira*. Belo Horizonte: [s. n.], 1997. Catálogo de exposição. 19 jun. – 08 ago. 1997, Escola de Belas Artes, UFMG. Disponível em: <<https://www.bu.ufmg.br/imagem/000007/000007d9.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

PAULA, João Antônio de et al (Coord.). *Acervo artístico da UFMG*. Belo Horizonte: C/Arte, 2011. (Circuito Colecionador).

RIBEIRO, Marília Andrés. O Acervo Artístico da UFMG. In: PAULA, João Antônio de et al (Coord.). *Acervo artístico da UFMG*. Belo Horizonte: C/Arte, 2011. (Circuito Colecionador). p. 15-48.